



Foto: Daniel Choma.

Entrevista com

# Maria Joaquina Gonçalves Duarte (Dona Elias)

## FICHA TÉCNICA

Local da entrevista: Loja de rendas e presentes mantida pela Dona Elias na Avenida das Rendeiras, Lagoa da Conceição, Florianópolis - SC. Data: 26 de julho de 2013.

Participantes: Tati Costa (entrevista e captação de som); Nice Nunes (entrevista); Telma Piacentini (entrevista); Daniel Choma (entrevista e câmera).

Projeto de origem da entrevista: Oficina Intergerações. Apoio: Barca dos Livros.

Produção da Oficina Intergerações (2013) e Acervo: Câmara Clara - Instituto de Memória e Imagem.

Transcrição da entrevista para projeto Memória Rendeira (2021): Tati Costa. | Edição: Daniel Choma.

## MEMÓRIA RENDEIRA

*Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura - Patrimônio e paisagem cultural - Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura.*

Projeto:



Apoio:



Realização:



**ENTREVISTA COM MARIA JOAQUINA GONÇALVES DUARTE (DONA ELIAS)**

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/maria>

TATI – Onde a senhora nasceu?

ELIAS – Nasci lá na Barra da Lagoa.

TATI – Em que ano?

ELIAS – 1926.

TATI – Seus pais de onde são?

ELIAS - Minha mãe era da Barra e meu pai era lá da Costa da Lagoa.

TELMA - Sabe como eles se encontraram, porque naquele tempo não tinha estrada, não tinha nada?

ELIAS - Era de canoa, porque meu pai pescava na Barra, aí minha mãe pegou agostar dele.

TELMA - Namoraram e casaram?

ELIAS - Não casaram, era lá e cá. *[Risos]* Ele já era casado. Mas era um moreno muito bonito. Aí ficou...

TATI - Como a senhora aprendeu a fazer renda?

ELIAS - Isso fica de mãe pra filha,

TATI - E como foi, a senhora lembra a primeira vez que a senhora fez uma rendinha?

ELIAS - Lembro. Minha mãe fazia rede porque o meu pai deixou ela, aí ela pegou a fazer rede pra nos sustentar, era eu e mais dois irmãos. Ela fazia rede, eu enchia aquelas agulhas dela e depois eu pegava com quatro pedacinhos de bambu, cortava, amarrava um pedaço daquele fio que ela fazia a rede. Eu ia com um travesseiro mexendo aqueles pauzinhos pra lá e pra cá. Ia aprendendo e depois ela me ensinou,

NICE - Com quantos anos a senhora fazia isso?

ELIAS - Fazia com seis, sete anos.

TATI - E o que precisa pra fazer uma boa renda?

ELIAS – Tudo: esses bilros, alfinete, esse pique - chamamos pique, outros chamam papelão isso aqui -, e essa almofada.

TATI - E de habilidade?

ELIAS - Quanto mais a gente faz ligeiro melhor.

TATI - Desde esse tempo que a senhora aprendia com sua mãe, pra onde vendia a renda?

ELIAS - Eu era pequeninha, quase oito anos de idade, passava uma senhora que era amiga da família da minha mãe lá do Rio Vermelho. Elas iam vender ovos e azeite daquela mamona. Vocês conhecem? Iam vender ovos lá pra cidade, ia de pé. Então elas vinham do Rio

Vermelho, ficavam lá em casa, no outro dia elas iam ao centro. Então eu ia com elas, levava duas, três pecinhas de renda, vendia lá embaixo, na Caixa Econômica.

TELMA - Na cidade?

ELIAS - Na cidade.

TELMA - Ia a pé pra cidade?

ELIAS - Ia a pé, sempre. Na volta elas ficavam lá em casa, no outro dia iam embora, era assim. Depois meus irmãos foram crescendo mais um pouquinho, aí foram pescando. Pegavam uma porção de siri, enquanto minha mãe cozinhava o siri eu ia dormir porque eu era pequeninha. Ela limpava tudo, um balainho desse tamanho com três ou quatro dúzias de siri. Iam seis, oito pessoas, saíamos duas horas, três horas da madrugada, sempre de pé, lá da Barra. Aí chegava lá em cima no morro, no mirante, ali a gente se sentava a descansar. A gente ia vendendo por ali afora, dava volta pelo Saco dos Limões, de pé, porque não tinha tanto movimento. Aí o que sobrava de siri que a gente não vendia, chegava naquela venda ali onde tem o caminho que vai pro Pantanal, pro Saco dos Limões, naquela encruzilhada tinha uma venda, não sei como é o nome mais.

NICE - Armazém Vieira.

ELIAS - Isso aí. Ali a gente trocava por pão e vinha de volta. Chegava em casa já de noitinha porque isso aqui era tudo areia. É, a vida da gente puxada. Muito puxada.

TELMA - Atravessar também não era fácil, por cima da areia?

ELIAS - Não era fácil. Era assim. Era eu, minha tia, meus vizinhos, vinha cinco, seis pessoas. A gente fazia isso tudo. Agora não, agora está tudo fácil.

TELMA - Pega um ônibus!

ELIAS - É.

TELMA - Pra vender também está fácil?

ELIAS - Pra vender não, a renda está ruim.

TELMA - Mas já teve tempo melhor?

ELIAS - Teve, de princípio era bem bom. Agora, de um tempo pra cá não porque botamos essas roupas, essas outras que não é daqui, ficou mais ruim porque são coisas mais baratas. E aquele 1,99 também acabou com a gente. Porque no 1,99 tem qualquer presentinho pra dar. Nós aqui não temos, o mínimo que nós temos é de dois reais ou três.

TATI - Aqui onde a senhora vende é desde o tempo de sua mãe, ou foi a senhora que montou?

ELIAS - Não, foi depois que minha mãe morreu. Porque minha mãe esteve um ano e nove meses, quase dois anos na cama, eu cuidei dela. Depois meu marido ficou doente também, teve derrame, cuidei dele. Depois que meu marido melhorou um pouco, já andava um

pouquinho, aí peguei e botei loja. Botei na beira d'água, depois na frente da minha casa, e depois vim botar aqui.

TELMA - Pra botar isso é através da prefeitura, como é?

ELIAS - Não, Isso aqui já era nosso. Esse também do lado.

NICE - Que ano a senhora tem o seu comércio aqui?

ELIAS - Já tem o quê? Acho que tem mais de vinte anos, minha mãe morreu faz trinta e pouco anos. Eu botei junto com a Sílvia, não sei há quantos anos.

TATI - Dessa época mais antiga, que a senhora era criança. Como era a vida, tinha estudo?

ELIAS - Tinha até o quarto ano, depois não tinha mais.

TATI - E tinha brincadeira das crianças, do quê?

ELIAS - A gente cantava ratoeira, caranguejo, isso aí.

NICE - Como era caranguejo?

ELIAS - *[Sorri]* Já não tenho...

*[Recita]*

*Caranguejo não é peixe,  
caranguejo peixe é.  
Caranguejo está na toca,  
está esperando a maré.*

A gente cantava.

TELMA - Era em roda?

ELIAS - Era em roda. Tinha aquela cana verde *[Recita]*: *A cana verde no mar anda a roda do vapor. Eu também ando a roda, a roda do meu amor.*

TELMA - E era só meninas, ou meninos e meninas?

ELIAS - Só meninas.

TELMA - A ratoeira também, era homem e mulher na ratoeira?

ELIAS - Na ratoeira também era mulher.

TELMA - Só mulher?

ELIAS - Os meninos não gostavam.

TELMA - Não tinha história que dava muito casamento na ratoeira?

ELIAS - A gente cantava com os rapazes, era assim: *[Recita]* Quando entrei pra ratoeira já entrei sem alegria. Na ratoeira não estava quem meus olhos queria. Aí a gente ia cantando. *[Risos]* Tem bastante cantiga.

TATI - Tinha um estribilho que repetia da ratoeira? Entre um versinho e outro, a senhora se lembra?

ELIAS - Não sei mais, esqueci. *[Sorri]*

TATI - E no tempo de moça, o que era divertimento?

ELIAS - Divertimento era baile. Mas não era como agora. Nos bailes, naquele tempo que a gente se criou.

*[Corte]*

ELIAS - Quando chegava umas oito horas a gente ia pro baile. Era só violão, cavaquinho uma vez ou outra era gaita. A gente ia às oito horas, quando era meia noite, uma hora da manhã acabava. Agora, vai entrar no baile e paga, naquele tempo a gente não pagava. Só tinha uma coisa: se chegasse um bêbado a gente não dançava. Aí a gente se escondia lá pra dentro das casas, deixava eles, depois a gente saía pra dançar. E aos domingos a gente pegava às oito horas, quando era umas nove horas, dez horas, acabava. Era isso. Agora não, agora pega meia noite é até de manhã.

NICE – E onde eram os bailes?

ELIAS - Era nas casas particulares. Na casa do avô do teu bisavô, do seu Trajano, do seu Amaro, Era assim aqueles bailes, eram umas casas grandes, casas bonitas. E mais a gente saía quando o Espírito Santo andava pedindo. Às vezes, de noite, tinha baile, a gente ia acompanhar. Mais era nas festas na Lagoa, no Rio Vermelho, lá no Pântano do Sul, isso tudo a gente ia, Santo Antônio de Lisboa...

DANIEL - Como fazia pra ir pras festas?

ELIAS – Ia pro Rio Vermelho, juntava cinco ou seis pessoas, a gente ia. Saía de casa umas quatro horas da tarde pra chegar na hora da novena lá no Rio Vermelho de pé. No outro dia, de manhã cedo, de madrugada, acabava o baile e a gente vinha embora. Muitos vinham, outros ficavam, quem tinha conhecido ou família ficava. Eu ficava e sempre vinha no outro dia. Era assim a vida da gente. Hoje não, hoje tem grupo dos idosos, tem bingo, tem tudo pra gente ir, tem ônibus. Naquele tempo não, era difícil.

TELMA - Mas continua gostando do baile?

ELIAS - Continuo sim!

TATI - Quem tocava nos bailes?

ELIAS - Naquele tempo era qualquer um que sabia tocar violão, sabia tocar gaita, eu tinha um irmão que tocava gaita, cantava Terno de Reis.

NICE - A senhora cantava também terno?

ELIAS - Não.

NICE - Nunca chegou a cantar?

ELIAS - Nunca cantei.

TELMA - Onde aprendia as músicas?

ELIAS - Aprendia, eu tinha um tio, pra Terno de Reis era uma beleza.

TELMA - No baile não dançava com Terno de Reis?

ELIAS - Não.

TELMA - Era outras músicas?

ELIAS - Era.

TELMA - Lembra das músicas?

ELIAS - Faz muito tempo, a gente já esqueceu um bocado.

TELMA - Namorava nesses bailes?

ELIAS - Namorava sim, roubava o namorado das outras, tudo! *[Risos]*

TATI - Como acontecia o Terno de Reis, que a senhora falou?

ELIAS - A gente saía quatro ou cinco pessoas, chegava nas casas, cantavam. Aí a pessoa dava, às vezes davam café, davam bebida, aí eles iam embora pra outra casa, era assim.

TATI - Fazia nessa região da Barra da Lagoa?

ELIAS - Na Barra da Lagoa, aqui também tinha, no Rio Tavares tinha. Era assim, aquela gente mais de idade que cantava.

TATI - Aqui que a senhora conheceu, mudou muito essa rua?

ELIAS - Ah, mudou, pois era areia.

TATI - Não tinha nenhuma casa?

ELIAS - Tinha algumas casas ralas. Hoje não, hoje as casas são tudo casas de fora, tem bem pouco daqui, mas tudo é de fora.

TELMA - Quando a senhora veio pra cá, nessa época existia carro de boi de um lado pro outro, como era?

ELIAS - Aqui quase não tinha carro de boi, era mais cavalo.

TELMA - E as pessoas do lugar? Porque lá no sul se reuniam muito em torno dos engenhos, aqui não tinha tanto?

ELIAS - Aqui tinha engenho, na Barra de Lagoa tinha engenho de cana.

TELMA - Lá na Barra as escolas eram até quarto ano primário?

ELIAS - Lá tinha bastante carro de boi.

TELMA - E já tinha aquelas curiosidades com aquelas pedras que tem muita marcação de índio lá na Barra? Ou isso nem passava na cabeça das pessoas?

ELIAS - Não.

TATI - A senhora sabe onde fica, já viu?

ELIAS - Não, isso não sei.

[Corte]

DANIEL - A senhora tinha fogão à lenha em casa?

ELIAS - Tinha fogão de lenha, a chaleira era de ferro. A gente cozinhava feijão ou carne de peixe, tinha aquele caldeirão com três pés.

TELMA - Botava em cima?

ELIAS - Botava num gancho e botava o fogo embaixo.

TELMA - Cozinhava o que ali?

ELIAS - Cozinhava feijão.

TELMA - E peixe, pescavam?

ELIAS - Pescavam. Ali sempre tinha peixe.

NICE - *[Comenta sobre uma fotografia apresentada]* Em cima desse fogão a senhora vê alguma coisa que a senhora fazia também?

ELIAS - Às vezes pegava uma telha e pegava folha de bananeira. Fazia bolo de farinha de milho, de trigo, tudo ali naquela telha. Não era assim aberto, a telha era assim meia fechada, aquelas telhas antigas, a gente fazia muito.

NICE - A senhora faz ainda?

ELIAS - Não tem fogão à lenha...

TATI - Não tem mais?

ELIAS - Não, já acabou, há quanto tempo não se tem. Fazia rosca no fogão a lenha. Tinha aquela chapa, a gente botava fogo debaixo, bastante fogo, depois puxava aquela cinza toda, fazia a rosca e botava ali embaixo.

TELMA - E onde comprava a farinha pra fazer a rosca, tinha nas vendas?

ELIAS - Tinha, comprava. Fazia com farinha de mandioca, naquele tempo não havia trigo. Naquele tempo a gente comia mais peixe do que carne, do que galinha. A gente não comprava galinha, a gente criava e matava. Nós criamos muito lá na Barra: pato, galinha, porco, lá na Barra a gente criava bastante.

TELMA - Como eles viviam, guardados ou viviam soltos?

ELIAS - Viviam soltos. Naquela época não morava ninguém, era tudo pessoal do lugar. Hoje não dá de criar em lugar nenhum porque é tudo cercado.

TATI - Tem mais uma fotografia aqui...

ELIAS - O que é isso? Está fazendo aquele chamado tipiti.

NICE - A senhora já vez?

ELIAS - Nem sei fazer.

NICE - Conhecía alguém aqui que fazia?

ELIAS - Não é tipiti, era aquele cove, que matava o peixe aqui, era aquele Valeriano ali da Costa que fazia. Meu marido comprava uma porção de cove dele pra pescar aqui.

NICE - Seu marido era pescador?

*[Sinaliza afirmativo com a cabeça]*

NICE - Pescava onde?

ELIAS - Pescava na Barra, pescava aqui no Gravatá, e aqui pescava na Lagoa. Nós tínhamos uma canoinha, ia pescar de espinhel, cove. Isso aqui botava hoje e tirava de noite, ou no outro dia de manhã, aí trazia peixe.

NICE - Ele vendia ou era só pra vocês?

ELIAS - Quando era demais vendia, quando não era, era só pra gente. E a gente dava pro meu sogro que morava perto.

NICE - Ele só pescava aqui ou embarcado?

ELIAS - Pescou no Rio Grande duas vezes, depois pescou no barco com o primo dele. Depois não pescou mais.



NICE - Ele se aposentou como pescador?

ELIAS - Foi, porque aí ele ficou doente, deu derrame, aposentou com pescador.

NICE - E a senhora é aposentada?

ELIAS - Sou.

NICE - Aposentada como o quê?

ELIAS - Por rendeira.

NICE - Faz muitos anos que a senhora é aposentada como rendeira?

ELIAS - Faz sete anos ou seis anos, parece, acho que é isso mais ou menos.

*[Apresentamos outra fotografia]*

ELIAS - Isso aqui é uma gamela?

NICE - É uma peneira.

ELIAS - Ah, uma peneira de peneirar café.

TATI - A senhora chegava a trabalhar com alguma coisa de roça?

ELIAS - De roça plantava mandioca, batata, aipim, isso tudo. Aipim, outros chamam mandioca, chamamos aipim.

TATI - Tem diferença mandioca e aipim?

ELIAS - Não, só o nome, é diferente porque a mandioca não cozinha e o aipim cozinha.

NICE - Mandioca é mais pro gado?

ELIAS - É mais pra gado e pra fazer farinha. O aipim também faz farinha, mas é diferente,

DANIEL - A senhora trabalhou fazendo farinha?

ELIAS - Trabalhei, peneirava a massa, enfarelava, peneirava, fazia beiju no forno. Aquele forno grande, primeiro a gente passava um pouquinho de azeite, um sebo naquilo tudo e fazia aquela beiju bem fininho, botava um pedaço de bambu no meio e fazia bem fininho. Pra depois fazer os outros mais grossos. Fica tão gostoso. A gente raspava mandioca, hoje não tem mais nada disso pra gente fazer.

TELMA - Fazia em casa mesmo?

ELIAS - Não, fazia nos engenhos.

NICE - E onde era o engenho que a senhora fazia?

ELIAS - Lá na Barra da Lagoa.

NICE - De quem era o engenho?

ELIAS - Era o Engenho do seu Bernardinho, do seu Antônio, os engenhos que tinha lá, do seu Libano.

NICE - Era Lá embaixo na Barra ou na Fortaleza?

ELIAS - Era lá embaixo. Cá em cima não, na Fortaleza nunca vi. Aqui no Retiro tinha também. Os rapazes lá da Barra vinham porque eles namoravam com as gurias daqui, aí eles vinham.

NICE - No engenho daqui?

ELIAS - Fazer beiju de noite aqui.

NICE - E quem tinha engenho?

ELIAS - Aqui o seu Mané Zé e a mãe da Jurema também tinha. Bastante gente tinha lá. A sinhá Santa também tinha.

TELMA - Vocês brincavam com as coisas do engenho?

ELIAS - Não.

TELMA - Nem brincar que era boi?

ELIAS - Isso não.

TATI - Coisa de trabalho não era brinquedo?

ELIAS - Não era brinquedo.

TATI - Chegava a reunir bastante gente pra descascar mandioca?

ELIAS - Bastante gente. Hoje eles cevavam a mandioca, não é? Amanhã eles forneavam. Então amanhã a gente ia raspar, pra depois de amanhã eles fazerem. Era assim. Aí a gente trazia bastante beiju pra casa, tudo que eles davam, Às vezes faziam rosca, davam pra gente trazer.

TELMA - É bom comer beiju com o quê?

ELIAS - Puro, com café, é gostoso.

NICE - A senhora gostava mais do doce ou do salgado?

ELIAS - Pra mim tanto fazia, quanto faz, eu gosto mais de doce. Salgado era bom também, mas doce também eu gosto. Fazia bem fininho com farinha de milho, ficava gostoso.

NICE - E a farinha do milho fazia no engenho também?

ELIAS - Não, eles compravam e faziam. Iam cinco ou seis pessoas, vizinhas minhas. Nós sabíamos que o engenho estava forneando, então ia eu e outra amiga minha pedir massa pra fazer beiju. Era assim: se elas ficassem lá em casa eu fazia o beiju em cima da chapa,

pra tomar café de manhã cedo lá. Quando era na outra casa, elas iam pedir pra fazer naquela casa, era assim. Era uma farra que a gente fazia. Era bom mesmo. Hoje não, hoje a gente só faz uma aqui, faz outra lá. Naquele tempo não, a gente fazia de noite até umas dez, onze horas da noite. Era pra gente poder ajudar a casa e se vestir, porque senão não dava. A gente só sabia fazer aquilo e rede.

NICE - A senhora sabia fazer rede?

ELIAS - Sim. Sei fazer, sei entralhar, sei fazer tarrafa.

TELMA - Faziam todos juntos, os homens e as mulheres, ou separado?

ELIAS - Não, mais as mulheres do que os homens. Os homens quase não faziam rede e renda não faziam. Eu aprendi com meu tio a entralhar tarrafa, entralhar rede, tudo.

TELMA - E pescava?

ELIAS - Eles pescavam.

TELMA - A senhora não?

ELIAS - Pescava assim, agora nesse tempo da tainha, que cercavam pra praia. Aí a gente ia de manhã cedo, ajudava a puxar rede, ganhava peixe, vendia. Era tão bom naquele tempo, meu Deus. Aquele tempo não volta mais não, já passou, não é? *[Sorri]*

*[Corte]*

*[Observa outra fotografia]*

TATI - Como a senhora reconhece que é essa de Tramoia?

ELIAS - Tem um monte aqui, é essa aqui, olha *[Mostra uma peça da renda Tramoia]*

NICE - A senhora sempre fez renda de Tramoia?

ELIAS - Não.

NICE - Como a senhora aprendeu a fazer?

ELIAS - Eu era solteira ainda, aprendi a fazer com a Glória, irmã do seu Altamiro.

NICE - Na Barra da Lagoa?

ELIAS - Lá do Ribeirão da Ilha, ela morou na Barra e lá ela me ensinou.

NICE - Mas ela era do Ribeirão da Ilha?

ELIAS - Era.

NICE - A senhora sempre fez, ou fazia mais da tradicional?

ELIAS - Fazia mais da outra. Depois que aprendi outra vez, fui fazer. Agora estou gostando mais dessa do que das outras porque leva menos bilros.

NICE - Quantos bilros leva essa?

ELIAS - Leva 14. As outras levam 30, 35, 40.

NICE - São sete pares?

ELIAS - É, essa é de sete pares. As outras levam 30, 35 pares. É assim que formam em todas elas.

TATI - Essa aqui é outro tipo?

ELIAS - Não, essa aqui é diferente. Essa aqui é margarida. É fundo de copo isso aqui.

TATI - A que tua mãe te ensinou é dessa?

ELIAS - É dessas assim e em metro também. Porque a gente pra aprender a gente primeiro faz aquela rende em metro pra depois fazer as outras.

DANIEL - A senhora começou com quantos anos a aprender?

ELIAS - Sete.

TATI - Qual é a primeira coisa que ensina? Com sete anos já pegou um monte de bilros de uma vez?

ELIAS - Não, é só quatro bilros pra aprender a fazer trança, fazer perna cheia pra depois então ir fazendo a renda.

*[Corte]*

NICE - Antigamente vocês faziam renda assim, sentadinha na janela?

ELIAS - Na janela, aí cantava. Só saía pra fazer qualquer coisa, pra comer e depois sentava ali. Cada quanto pra gente comprar o enxoval, comprar as roupas pra ir pra festa, tudo. Porque os pais da gente, o meu não, os pais das outras também, não davam dinheiro pras filhas porque também ganhava pouco, era tudo só de pesca, era assim, não era fácil não.

TELMA - Do que brincava?

ELIAS - Quando estava três ou quatro meninas a gente brincava de qualquer coisa, conversava, fazia boneca de mamoneira.

TELMA - Essas bonecas são bonecas aqui mesmo da ilha, tirava folha da mamona, é isso?

ELIAS - É, a gente fazia.

TELMA - E o que fazia com essas bonecas?

ELIAS - Depois a gente deixava, jogava fora...

DANIEL - E ia tomar banho de mar?

ELIAS – Ia, mas era mais pouca gente, e ia de roupa.

TELMA - Entrava dentro d´água de roupas?

ELIAS - Não tinha maiô naquele tempo, a gente nem sabia o que era isso, então a gente ia de roupa.

DANIEL - Mas biquíni e maiô?

ELIAS - Isso não tinha, naquele tempo não tinha.

[Risos]

NICE - Tomava banho de vestido?

ELIAS - De vestido, de combinação, era assim.

TATI – [Outra fotografia] Cada tarrafa é pra uma coisa diferente?

ELIAS – É. Tem de tainha, tem de camarão, tem miudeira pra pegar aquelas tainhotas.

NICE - Miudeira é uma malha mais estreita?

ELIAS - É, de tainha é bem larga.

TATI- Como muda de uma pra outra?

ELIAS - Porque a de tainha tem a malha mais grande, de tainhota já tem mais miúda e de camarão tem bem miudinha.

TELMA - Mas é o jeito de fazer ou é o fio?

ELIAS - Não é o fio. Como se diz? É uma malheira que a gente faz.

NICE - A distância da malha?

ELIAS – É o tamanho da malha. Agora não existe, agora é só nylon. Mas naquele tempo que eu me criei, já era grande, já sabia fazer tarrafa e rede. Tinha um tal fio de tucum, de ticum, amarelinho. Então eram escolhidas as pessoas que sabiam fazer. Porque o nylon a gente aperta bem, e aquele não, aquele a gente tem que apertar bem devagarzinho porque se apertar com força queima o nó e aí arreventa. Era assim.

TELMA - A do tucum?

ELIAS - Do tucum.

TELMA - Mas fazia também o fio de tucum?

ELIAS – Fazia.

TELMA - Recolhia do pé de tucum, botava secar, como era?

ELIAS – Aí já comprava pronta.

NICE - Comprava de quem?

ELIAS - Lá na cidade, iam comprar e davam pra gente fazer. Aí era escolhido quem sabia fazer, quem não sabia. Mas de uns anos pra cá é só nylon...

DANIEL – E pesca da baleia a senhora chegou a ver?

ELIAS - Lá na Barra da Lagoa, credo, minha casa era aqui. Eles iam ali fora com arpão e fisgavam baleia. Tinha umas dunas, como aquela do lado da minha casa, o pessoal ia em cima vendo a baleia e iam fisgar lá fora.

NICE - O que fazia com a baleia?

ELIAS – Fisgavam, mas não matavam, aí ela ia embora. Fizeram rede pra baleia, mas não pegaram.

DANIEL - Canoa de um pau só a senhora chegou a conhecer?

ELIAS - Toda canoa é feita de um pau só. Todas elas. Essa aqui é uma canoa *[Olha fotografia]* Aquele garapuvu é que faz a canoa.

TELMA - E a senhora sabia que iam buscar garapuvu no mato?

ELIAS - Iam no mato buscar, o seu Trajano fazia uma porção de canoa lá na Barra da Lagoa.

TELMA - Mas quando vocês viam já estava a canoa feita?

ELIAS – É, porque a gente ia lá brincar com as filhas dele e a gente via ele estar fazendo, cavando.

NICE - A senhora andava de canoa?

ELIAS - Andava pescando uma porção, de espinhel com meu marido... Agora hoje já tenho mais medo de embarcar.

TELMA - Quando embarca agora vai onde, na Costa da Lagoa?

ELIAS - É. A minha família é da Costa, passa cinco ou seis anos que não vou lá, é uma vez ou outra.

TATI – E essa aqui? *[Outra fotografia]*

ELIAS - Isso aqui é um bote.

TATI – Na sua época de criança tinha costume de tirar fotografia?

ELIAS - Não tinha, é de uns anos prá cá. Naquele tempo não tinha. O primeiro rádio que foi lá na Barra, que era de bateria, a casa do homem se enchia de gente de noite pra ver o rádio.

NICE - Quem era que tinha rádio?

ELIAS - Era o pai do Nelson. Enchia a casa dele de noite pra ver.

NICE - Pra ouvir o rádio?

ELIAS - A gente ouvia e não sabia o que era.

TELMA - Depois conversavam sobre os assuntos do rádio, ficavam pensando como era aquilo?

ELIAS - Pegava a ver como era, gostava...

DANIEL - E a chegada da televisão a senhora lembra?

ELIAS - Não.

TATI - O que era a programação do rádio, o que passava?

ELIAS - Passava uma porção de coisa, a gente gostava, tinha aquela cantarola, tinha tudo.

TATI - Fotografia nunca apareceu por lá?

ELIAS - Não. Só depois de uns anos que apareceu.

NICE - E tinha médico, como fazia?

---

ELIAS - Não.

TELMA - E quando ficava doente?

ELIAS - Quando ficava doente o bisavô dela e outro senhor lá do Rio Vermelho que davam remédio, homeopático, mais era chá de capoeira.

TELMA - Benzedeira tinha?

ELIAS - Tinha bastante benzedeira.

NICE - A senhora aprendeu a benzer quando?

ELIAS - Via minha prima benzer aí eu aprendi.

NICE - O que a senhora aprendeu?

ELIAS - De zipra, de cobro, de carne quebrada, de espinhela caída, de tira sol.

TELMA - Pessoa que tinha ensolação?

TATI - O que é tira sol?

ELIAS - A gente pega uma garrafinha branca, enche de água, aí bota um pano, uma toalha dobrada em três ou em quatro, conforme amarra ali. Bota na cabeça da pessoa e vai saindo aquela água, aquilo ali é o sol que esta saindo dentro da garrafa. Aí tem uma reza.

NICE - Com isso a pessoa fica o quê? Tem dor de cabeça?

ELIAS - É, tem dor de cabeça.

TELMA - Essa reza a senhora já ensinou pra alguém?

*[Sinaliza que não com a cabeça]*

TELMA - Não vai ensinar?

TATI - Não tem ninguém pra aprender?

ELIAS - Hoje em dia ninguém quer, tudo é médico.

NICE - Vem muita gente procurar a senhora pra benzer?

ELIAS - Vinha muita gente, depois, de uns tempos pra cá, não benzi mais. Isso de sol os médicos não entendem. De cobro eles dizem que é tal coisa, não entendem.

TELMA - Então muita gente se tratou com a senhora? Se curou?

TATI - Só mulheres que benziam, ou homens também aprendiam a benzer?

ELIAS - Mulheres e homens também benziam,

DANIEL - E qual outra coisa que pode tratar com a benzedura?

ELIAS - Quando a gente dá um mal jeito no pé ou na mão, qualquer coisa, a gente benze.

TELMA - Nervo quebrado?

ELIAS - Carne quebrada. O nome do meu pai está nessa benzedura.

TELMA - Pode dizer uma benzedura?

ELIAS - *Carne quebrada, nervo torto, em nome de Deus e da Virgem Maria, São Virtuoso. Se é carne quebrada eu cozo, se não é também descozo, em nome de Deus e da Virgem Maria, São Virtuoso. O meu pai era Virtuoso.*

NICE - E como é da espinhela caída?

ELIAS - Espinhela caída a gente manda a pessoa virar-se pro mar e aí a gente vai benzendo, vai apertando e vai dizendo as palavras.



TATI - Tem que ser virado pro mar?

ELIAS - É.

NICE - Tem horário, ou qualquer hora?

ELIAS - Só que de noite não é mais de benzer.

TELMA - E benzeu muitas crianças?

ELIAS - Gente grande. Porque isso dá febre, a pessoa fica amarela, não pode comer nem nada porque dói.

NICE - E do que mais a senhora benzeu?

ELIAS - De zipra.

TELMA - De mau olhado também benzia?

ELIAS - Isso não aprendi.

TATI - Quem te ensinou?

ELIAS - Eu vi a minha prima e aprendi.

NICE - Essa sua prima é da onde, da Costa da Lagoa ou da Barra?

ELIAS - Era lá do Rio Vermelho.

TATI - A senhora mostra pra gente por onde começa a renda?

ELIAS - Começou aqui, olha. Daqui a gente vai tudo assim. Agora eu vou terminar aqui, olha. Fazer isso tudo e terminar aqui. Depois tem que fazer essa beiradinha aqui.

TATI - É separado?

TELMA - Leva quanto tempo pra fazer a renda inteira?

ELIAS - Leva quinze, vinte dias, conforme... O meu já está quase vinte dias. Eu faço um pouquinho e saio...

TATI - A almofada como faz?

ELIAS - A gente bota serragem, bota capim de colchão, sabe o que é? Naquele tempo, aí no mato tinha uma porção, a gente pegava, botava a secar depois fazia. Pegava um pedaço de pano ou uma fronha, corta de um lado e de outro, costura e bota uma pedrinha dentro que é pra quando a gente puxar os bilros, a almofada não vem.

TELMA - E a mesa quem faz? O caixote?

ELIAS - O caixote, isso aqui é uma cangalha. A gente pega com um homem que faz pra gente. Até agora era um caixãozinho daqueles de sabão Joinville, a gente fazia lá, desse

tamanhinho. A gente sentava no chão ou na janela a fazer. Era aqueles bancos de madeira. Hoje não, hoje é tudo cadeira.

TATI - Sabão Joinville?

ELIAS - Não é mais, não existe mais.

DANIEL - A senhora pode fazer um pouco de renda pra filmar?

ELIAS - Eu posso fazer, aqui não tem, mas eu vou fazer, depois eu desmancho. Com quatro bilros a gente faz um mais frouxo pra poder abrir.

TELMA - Qual o nome desse ponto?

ELIAS - Perna cheia. Essa outra é trança. É tudo assim. É tão gostoso!

TATI - Sua mão é bem rapidinha!

ELIAS - Faço devagar. É tudo assim...

TELMA - Quando a senhora era pequena fazia renda de cor?

ELIAS - Não, a gente só fazia branca com aquela linha final de carretel. O vinte e quatro e o dez. Mais o vinte e quatro, a renda ficava bem fininha, bem durinha, conforme eu tenho aquela ali. *[Mostra a renda]* Essa é Maria Morena, outros chamam Ceará. Lá pro Norte chama Ceará.

TATI - Essa sua mãe ensinou também?

ELIAS - Tudo. Essa aprendi depois.

TATI - Em todas vai o mesmo tipo de linha?

ELIAS - Querendo vai, querendo não vai, porque tem a Clea, tem a Esterlina, tem a Mercer Crochet, conforme a pessoa quer fazer.

TELMA - Essa qual é?

ELIAS - Essa é Esterlina.

NICE - Que número é essa?

ELIAS - Oito.

TATI - E no tempo que a senhora aprendeu com sua mãe também tinha vários tipos de linha?

ELIAS - Não, era só a de carretel e a Mercer Crochet.

TELMA - Comprava onde?

ELIAS - Nas vendas tinha.

*[Fim da entrevista]*